

KARL MARX (1818-1883) – DUZENTOS ANOS



Ricardo Vélez Rodríguez

Coordenador do Centro de Pesquisas Estratégicas da UFJF. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Professor Emérito da ECEME. Docente da Universidade Positivo, Londrina – rive2001@gmail.com

Karl Marx nasceu em Treves, capital da província alemã do Reno, em 5 de maio de 1818 e faleceu em Londres, em 1883. Na cidade natal, o nosso autor teve oportunidade de sentir duas influências contrárias: o liberalismo revolucionário, herdeiro do jacobinismo francês e, de outro lado, a reação conservadora capitaneada pela Prússia, defensora do Antigo Regime. O pai de Karl, Hirschel Marx (1777-1838) era advogado, tendo abandonado o judaísmo em 1824, batizando-se na Igreja Luterana com o nome de Heinrich. Os estudiosos consideram que nessa conversão mediaram motivos de índole econômica, pois na Renânia, onde residia a família Marx, os cargos públicos estavam vedados aos judeus. A mãe do nosso autor, Enriqueta Pressburg (1787-1863), era descendente de rabinos.

Completados os estudos secundários em Treves, Marx ingressou na Universidade de Bonn, a fim de estudar Direito. Em 1836, o jovem estudante transferiu-se para a

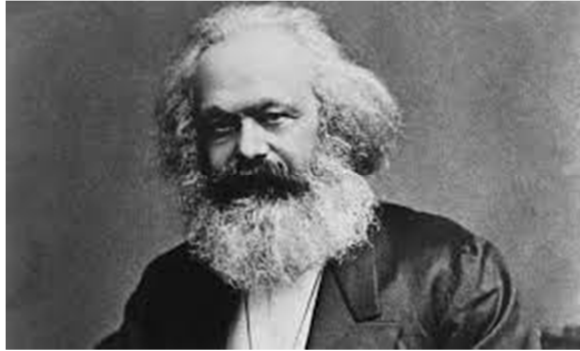
Universidade Friedrich Wilhelms de Berlim para continuar os estudos de Direito. O seu foco de interesse, no entanto, era o estudo da História e da Filosofia, tendo abandonado o curso inicial. Em Berlim, o nosso autor recebeu a influência do pensamento de Hegel. O estudante dedicado que era Marx, logo se filiou à denominada corrente da *Esquerda Hegeliana* capitaneada por Ludwig Feuerbach (1804-1872), que repudiava a exaltação que Hegel (1770-1831) tinha feito do Estado Prussiano.

Em Berlim, Marx ingressou no *Doktor Club*, que era liderado por Bruno Bauer (1809-1882). Em 1841, obteve o título de doutor em Filosofia com a tese intitulada: ***Diferenças da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro***. Não tendo conseguido empreender a carreira acadêmica em decorrência das suas idéias radicais, tornou-se, em 1842, redator do jornal ***Gazeta Renana***, editado em Colônia, onde conheceu aquele que seria o seu mais fiel amigo, o jovem Friedrich Engels (1820-1895), filho de um industrial de Barmen (Alemanha). Em 1843, tendo sido fechada a ***Gazeta Renana*** pelo governo prussiano, Marx partiu para Paris, onde assumiu a direção da revista ***Anais Franco-Alemães***, tendo-se casado, pouco antes, com a bela Jenny von Westphalen (1814-1881), filha do barão prussiano Ludwig von Westphalen (1770-1842), professor universitário em Berlim. Na capital francesa, ciceroneado pelo poeta romântico Heinrich Heine (1797-1856), o nosso autor participou de vários círculos de estudos e sociedades secretas, dentre os quais cabe mencionar a Igreja Saint-simoniana. Teve oportunidade, outrossim, de conhecer os escritos de François Guizot (1787-1874), o poderoso primeiro-ministro de Luis Felipe I (1773-1850). Ainda em Paris, em 1843, Marx escreveu ***a Crítica da filosofia do direito de Hegel*** e ***A questão judaica***. No ano seguinte,

teve contato com a *Liga dos Justos* (que mais tarde seria conhecida como *Liga dos Comunistas*) e escreveu os **Manuscritos econômico-filosóficos**, bem como o famoso artigo acerca de uma greve ocorrida na Silésia, que lhe causaria a expulsão da França, em 1845, a pedido do governo prussiano.

Tendo-se mudado para Bruxelas, Marx escreveu, ainda em 1845, as **Teses sobre Feuerbach** e, junto com Engels, **A sagrada família**. Em 1846, em parceria com Engels, escreveu **A Ideologia Alemã**, que só seria publicada anos mais tarde. Ajudado pelo amigo, organizou, na capital belga, o *Comitê de Correspondência da Liga dos Justos* que, como já foi frisado, passou a ser chamada de *Liga dos Comunistas*. Em 1847 viajou para Londres, onde publicou a **Miséria da Filosofia**. De volta para a Bélgica, terminou expulso pelo governo desse país em 1848 e, junto com Engels, mudou-se para Colônia, onde fundou a **Nova Gazeta Renana**. Nesse ano foi publicado, em Londres, o **Manifesto comunista**, de autoria de Marx e Engels.

Expulso de Colônia, em 1849, Marx enfrentou sérias dificuldades financeiras, das quais saiu graças à ajuda do pensador e líder socialista alemão Ferdinand de Lasalle (1825-1864), que depois seria atacado pelo próprio Marx. Nesse ano, o nosso autor escreveu **Trabalho assalariado e capital**. Em Londres, Marx dedicou-se aos estudos econômicos na biblioteca do Museu Britânico. Para subsistir, trabalhou como redator no *New York Daily Tribune*. Em 1852, publicou **O 18 brumário de Luís Bonaparte**, dedicado à análise dos eventos ocorridos ao ensejo do golpe de estado perpetrado pelo sobrinho do falecido imperador Napoleão Bonaparte (1769-1821).



Karl Marx: o ativista sobrepôs-se ao intelectual, dando ensejo a uma posição radical, que o conduziu ao modelo de socialismo totalitário, que passou a ter vigência na

Rússia e nos outros países comunistas, pelo mundo afora, ao longo do século XX, com um saldo trágico de mais de 90 milhões de mortos [Stéphane Courtois, *et alii*, **Le livre noir du Communisme**. Paris: Robert Laffont, 1997, p. 14].

Dedicado integralmente ao estudo na capital inglesa, em que pese inúmeros e sérios distúrbios de saúde, Marx publicou, em 1857, a obra intitulada **Esboço de uma crítica da economia política**. Em 1859 apareceu, em Berlim, a obra intitulada **Para uma crítica da economia política**, ao ensejo da qual o nosso autor frisou com ironia: "Com certeza é a primeira vez que alguém escreve sobre o dinheiro com tanta falta dele". Em 1864, Marx propôs a criação da *Associação Internacional dos Trabalhadores* (AIT), denominada popularmente de *Primeira Internacional*. Em 1865, publicou **Salário, preço e lucro**, além de uma biografia de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), com quem manteve séria polêmica, em decorrência do fato de discordar do modelo de socialismo democrático proposto por ele. Em 1867 apareceu publicado, em Hamburgo, o primeiro volume de **O Capital**. Em 1869, o nosso autor deu continuidade à escrita do segundo volume desta obra, que tinha interrompido devido ao seu precário estado de saúde, agravado pela crise financeira familiar. Ao ensejo da revolta conhecida como *Comuna de Paris* publicou, em 1871, **A guerra civil na França**. Em 1873, o nosso autor encaminhou o seu primeiro volume de **O Capital** a duas personalidades da

intelectualidade britânica: Charles Darwin (1809-1882) e Herbert Spencer (1820-1903). Em que pese o fato de o médico ter-lhe proibido qualquer tipo de esforço, em decorrência do agravamento da saúde, o nosso autor continuou trabalhando incessantemente na redação de **O Capital**, e fez inúmeras leituras acerca de temas diferentes como Matemática, Geologia, Física e a situação social e política da Rússia. Em 1875, Marx publicou **Crítica do programa de Gotha**. Sob os cuidados de Engels foram publicadas, postumamente, as edições do segundo volume (1885) e do terceiro volume (1894) de **O Capital**.

As idéias filosóficas de Marx podem ser sintetizadas nos seguintes pontos:

1. **Adoção da perspectiva transcendental.** - Marx, como Immanuel Kant (1724-1804), desmistifica o conhecimento humano, que nas metafísicas dogmáticas tinha ficado reduzido a uma cópia passiva da realidade exterior. Quando o nosso autor afirmava que "até agora os filósofos estiveram preocupados em contemplar o mundo, nós vamos transformá-lo", justamente propunha um novo tipo de conhecimento em que a verdade fosse efeito da ação humana, não a pura contemplação de um arquétipo pré-existente fora da razão.
2. **Formulação do 11º mandamento: "Não explorarás o trabalho alheio"**. Marx reagiu contra um princípio de ação estranho ao homem (moralidade pautada pela religião ou pelas leis da circulação de mercadorias), e colocou como critério de ação o homem mesmo, na sua dinâmica histórica, no seio da consciência de classe. Não há dúvida quanto à inspiração kantiana do imperativo formulado por Marx. Como frisa Antônio Paim, "segundo Kant, os princípios morais só o são se não se subordinam a qualquer

classe de coação externa e se correspondem a uma exigência profunda da racionalidade, aparecendo ao homem como autêntico imperativo. Essa afirmativa não envolve, por certo, a solução do grave problema da coerência do homem com semelhantes princípios, mas explica satisfatoriamente a vitalidade da ética cristã. A força do marxismo reside no mesmo princípio. O mandamento segundo o qual ‘*Não explorarás o trabalho alheio*’ parece consistir no ápice de toda uma ética humanista” [Paim, ***História das idéias filosóficas no Brasil***, 3ª edição, São Paulo: Convívio, 1984, p. 502].

3. **Formulação do materialismo histórico.** Competiria a Marx corrigir o rumo da reflexão feuerbachiana operando o trânsito entre o naturalismo de Feuerbach e o historicismo. A consciência da necessidade nasce não apenas da exterioridade da natureza, mas também da própria história humana. O estímulo para o movimento e a transformação é interior à própria realidade humana. A necessidade é, portanto, não apenas exigência natural, mas também força geradora e motora da história. Em lugar do homem abstrato da natureza, temos o homem concreto e vivo da história, através da *classe social*. O homem que adquiriu *consciência de classe* entra na *luta de classes*, na qual consiste a essência da política (idéias que Marx tira dos doutrinários franceses Benjamin Constant e François Guizot). A massa humana, que tinha sido idealizada por Feuerbach, encontra em Marx uma formulação concreta e atuante [cf. Mondolfo, ***Marx y marxismo***, México: Fondo de Cultura, 1960]. Marx sintetizou esta dimensão na sua frase, presente na obra ***A ideologia alemã***: “A existência humana determina a consciência”. A propósito deste ponto, frisa Antônio Paim [***História das idéias filosóficas no Brasil***, ob. cit., p. 496]: “Resumindo, temos que o momento Kant-Hegel chega a uma fase de plena

configuração com a esquerda hegeliana, em particular com Feuerbach-Marx. Ao invés da perspectiva platônica (o outro lado das coisas, a permanência, a substância), a perspectiva kantiana (meditação limitada à dimensão humana) desenvolvida no sentido de apreender o homem através de tudo quanto criou, não um homem dado e acabado *ex nihilo* mas envolvido no próprio processo de sua criação”.

4. **Inspiração de Marx em Claude-Henri de Saint-Simon (1760-1825).** Segundo Gurvitch, as teses filosófico-sociológicas em que Marx se inspirou no pensamento saint-simoniano foram as seguintes: **A** – A afirmação de que “a vida social é essencialmente prática”, bem como a idéia de que “a produção faz o homem” e de que homens e sociedade se produzem a si mesmos pelo seu esforço. **B** – A idéia de que certas estruturas sociais e determinados modos de produção “impedem a sociedade de entrar em plena posse de seu impulso criador”, sendo que Marx amplia essa idéia na sua teoria das alienações e das ideologias. **C** – A afirmação de que “as obras da consciência real”, ou obras da civilização, e até as ideologias se integram, de alguma maneira, nas forças produtivas. **D** – A inclinação de Marx em favor de uma visão dicotômica das relações entre as classes, que o leva a considerar o Estado como seu órgão de domínio de classe. **E** - A crença de Marx na desaparecimento do Estado e a adoção, por ele, de slogans saint-simonianos, tais como: “o governo das pessoas será substituído pela administração das coisas”, ou “a cada um de acordo com as suas capacidades, a cada um segundo as suas obras”. **F** – A concepção escatológica da história. A respeito, escreve Gurvitch: “Marx não evita a tentação de uma filosofia da história que submete à sociologia e que profetiza o fim da história. É neste aspecto que Marx, apesar dos seus

esforços, permanece, mais do que Proudhon, fiel a Saint-Simon e à sua escola” [Georges Gurvitch, Introdução à obra de Saint-Simon, ***La Physiologie sociale - Oeuvres choisies***. Paris: PUF, 1965, p. 40].

5. **Inspiração de Marx em Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865)**. Segundo Gurvitch, Marx inspirou-se nos seguintes pontos do pensamento proudhoniano: **A** – A crítica às “classes altas”, burgueses e patrões, pela sua ociosidade. **B** – O conceito de “força coletiva”, que inspira o conceito marxista de “forças produtivas”. **C** – A predição acerca da desaparecimento do Estado.

6. **Comunismo implantado por métodos violentos: a destruição do Estado burguês**. Este elemento permanece claro na obra de Marx e se contrapõe aos esforços dos socialistas franceses, ingleses e alemães, em prol da construção de uma nova sociedade mediante reformas, com a chegada do proletariado ao poder através de eleições (como terminou, de fato, acontecendo, ao longo dos séculos XIX e XX). Marx considerava ser ele o líder da revolução violenta apregoada. A verdade claudicou diante da militância política. Marx foi desmoralizando, um a um, todos os pensadores e líderes socialistas que tinham aderido a um socialismo democrático, diferente do modelo totalitário por ele apregoado. Fez isso, por exemplo, na Alemanha, com Ferdinand Lasalle (1825-1864) e, na França, com Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Antônio Paim deixa claro que houve uma influência muito grande do regime apregoado por Marx sobre o adotado, na Rússia, após a Revolução de 1917, por Lenine (1870-1924). Para ambos, somente valia um tipo de comunismo: o imposto pelo líder, com absoluto banimento da dissidência e com a implantação de um regime de poder total. Na Rússia, o regime bolchevique foi o novo capítulo do “despotismo

oriental” czarista [cf. Paim, **Marxismo e descendência**, Campinas: Vide Editorial, 2009; Wittfogel, **Le despotisme oriental**, Paris: Minuit, 1977].

7. **Inspiração em Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)**. Marx recebeu esta influência ao longo de sua permanência em Paris. Para o filósofo genebrino, a soberania do povo repousa na “vontade geral”. Esta é apropriada pela “vanguarda do povo”, constituída pelos “puros”, aqueles que se despiram dos seus interesses individuais para defender o interesse público. Ora, essa vanguarda é chefiada, no caso da revolução comunista, pelo próprio Marx, que se converte numa espécie de salvador das massas proletárias.
8. **Inspiração no pensamento dos liberais franceses Benjamin Constant de Rebecque (1767-1830) e François Guizot (1787-1874)**. Como destacou Georgi Valentinovich Plekhanov (1857-1918), um dos mais importantes estudiosos russos da obra de Marx, idéias básicas da sociologia do pensador alemão como *interesses individuais, interesses de classe, consciência de classe, luta de classes*, encontram a sua origem nesses pensadores liberais, cujas obras Marx leu durante a sua permanência em Paris. Até a expressão, presente no **Manifesto Comunista**: “proletários do mundo, uni-vos” inspira-se na frase conhecida de Guizot: “burgueses da França, uni-vos” e “enriquecei-vos”.